



Revista del CESLA
ISSN: 1641-4713
ISSN: 2081-1160
bebereza@uw.edu.pl
Uniwersytet Warszawski
Polonia

Falares poloneses no sul do Paraná: descrição linguística e confluências com o português

Trennephol da Costa, Luciane

Falares poloneses no sul do Paraná: descrição linguística e confluências com o português

Revista del CESLA, núm. 20, 2017

Uniwersytet Warszawski, Polonia

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243354741009>



Este trabalho está sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0.

Falares poloneses no sul do Paraná: descrição linguística e confluências com o português

Polish Speech Varieties in Southern Paraná: Linguistic
Description and Confluences with Portuguese

Luciane Trennephol da Costa [1]
luciane.tcosta@yahoo.com.br

*Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Cidade Irati
(Paraná), Brasil*

Revista del CESLA, núm. 20, 2017

Uniwersytet Warszawski, Polonia

Recepção: 15 Maio 2017

Aprovação: 19 Setembro 2017

Publicado: 30 Dezembro 2017

Redalyc: [https://www.redalyc.org/
articulo.oa?id=243354741009](https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243354741009)

Resumo: O Estado do Paraná, localizado no sul do Brasil, recebeu milhares de imigrantes poloneses no final do século XIX e início do século XX. Esses imigrantes e seus descendentes cultivaram e mantiveram a cultura polonesa no Brasil, materializada na arquitetura, na culinária, no artesanato, nos ritos religiosos e no uso das línguas eslavas. O bilinguismo foi intenso na região e ainda hoje se faz presente, sendo que a língua eslava muitas vezes ainda é a primeira língua destes descendentes. Neste texto, apresentaremos dois eixos de pesquisas linguísticas desenvolvidas por pesquisadores da UNICENTRO vinculados ao Núcleo de Estudos Eslavos – NEES. Por um lado, investigamos a estrutura da língua polonesa falada na região, descrevendo seus detalhes fonéticos através de análise acústica com o software PRAAT. Essas pesquisas demonstram as particularidades desta língua que não é exatamente o polonês falado na Polônia atualmente, mas a língua trazida pelos imigrantes há um século atrás e que se diferenciou durante este tempo em contato com o português. Por outro lado, investigamos as características da fala destes descendentes na perspectiva teórica da sociolinguística quantitativa laboviana em busca das possíveis contribuições das línguas eslavas, polonês e ucraniano, para a constituição do português brasileiro falado na região. Para tanto, constituímos o Banco de Dados Variação Linguística de Fala Eslava – VARLINFE.

Palavras-chave: Brasil, Estado do Paraná, imigrantes poloneses, descrição linguística, variação linguística, fonética acústica, VARLINFE, línguas de imigração.

Abstract: The State of Paraná in southern Brazil received thousands of Polish immigrants in the late 19th century and early 20th century. Immigrants and their descendants maintained and cultivated Polish culture in the new land, exemplified in architecture, food, artistry, religious rites and the use of Slavic language. Bilingualism was and is still greatly practiced in the region and it is still the native language of many descendants. This current investigation comprises two layers of linguistic research developed by UNICENTRO researchers linked to the Nucleus of Slavic Studies (NEES). On the one hand, the structure of the Polish variety spoken in the region is investigated, comprising phonetic details through an acoustic analysis with the software PRAAT. The research demonstrates that the language is not precisely that spoken currently in Poland, but was brought by immigrants a century ago and which differentiated itself throughout time due to contact with the Portuguese language. On the other hand, we investigated the features of speech by descendants of immigrants from the theoretical perspective of Labov's quantitative socio-linguistics for possible contributions of Slavic languages, Polish and Ukrainian, on Portuguese in the region mentioned above. A database of Linguistic Varieties of Slavic Speech has been elaborated (VARLINFE).

Keywords: Brazil, State of Parana, Polish immigrants, linguistic description, linguistic variation, acoustic variation, VARLINFE, immigrants' languages.

Introdução: a cultura eslava no Estado do Paraná e o Núcleo de Estudos Eslavos – NEES

O Estado do Paraná, no sul do Brasil, recebeu milhares de imigrantes eslavos, poloneses e ucranianos, no final do século XIX e início do século XX. Segundo Wachowicz (2002), grandes setores da população polonesa emigraram para os Estados Unidos e em segundo lugar para o sul do Brasil, notadamente para os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. No Paraná, o legado cultural destes imigrantes concretiza-se na arquitetura, culinária, práticas religiosas, artesanato e também nas práticas linguísticas. O bilinguismo ainda se faz presente e encontram-se até falantes trilíngues, que falam o português brasileiro, o polonês e o ucraniano.

Neste contexto social marcado pelo legado eslavo, pesquisadores da Unicentro constituíram o Programa Permanente de Extensão Núcleo de Estudos Eslavos – NEES. O NEES existe há mais de uma década e desenvolve ações extencionistas nas comunidades eslavas. Essas ações buscam registrar a cultura eslava expressa na arquitetura, nas práticas religiosas, no artesanato, na culinária e no uso linguístico. Mas o NEES, além de registro, promove o encontro e o fortalecimento dos descendentes com a cultura eslava, propiciando cursos de danças, de artesanato e de línguas. Também promove a socialização das pesquisas científicas desenvolvidas na Unicentro com a realização de eventos que propiciam o diálogo entre pesquisadores da nossa universidade e pesquisadores internacionais interessados na temática eslava como o Simpósio Internacional de Estudos Eslavos, que já teve quatro edições, e o Fórum de Cultura Eslava.

As práticas linguísticas dos descendentes eslavos moradores de cidades no interior do Estado do Paraná são uma manifestação cultural e parte integrante de sua identidade. É preciso destacar que a língua falada no interior do Estado do Paraná foi mais preservada pelo isolamento em que viviam, e ainda vivem, os agricultores descendentes de imigrantes eslavos. E que há muito o que se pesquisar e conhecer destas línguas de imigração faladas no Brasil e suas possíveis contribuições para a constituição do português brasileiro falado no sul do Brasil. Neste texto, apresentaremos dois eixos de pesquisas linguísticas desenvolvidas junto ao NEES. Na seção 2.1, apresentaremos as descrições fonéticas de detalhes acústicos da língua polonesa falada no Estado do Paraná e, na seção 2.2, apresentamos as descrições da fala paranaense da região de abrangência da Unicentro, embasadas teoricamente na sociolinguística quantitativa laboviana com as amostras do Banco de Dados Variação Linguística de Fala Eslava – VARLINFE.

Pesquisas linguísticas realizadas no NEES

Descrições fonéticas

Vinculado ao Núcleo de Estudos Eslavos temos um Laboratório de Fonética Acústica que possibilita gravações em cabine acústica e análises acústicas com o software PRAAT (Boersna e Weenik, 2013) de detalhes fonéticos das línguas eslavas faladas na região de abrangência da Unicentro. A análise acústica dos sons da fala permite a observação de suas características físicas como amplitude, frequência e duração, bem como detalhes fonéticos de ponto e modo de articulação dos sons.

Em Costa e Gielinski (2014) foi realizada uma pesquisa acerca dos encontros consonantais tautossilábicos (presentes na mesma sílaba) produzidos na língua polonesa e inexistentes na língua portuguesa como junções de sons nasais e laterais; como, por exemplo, a realização de *mleko* [mlik#]; ou junções de sons fricativos e laterais; como, por exemplo, a realização de *chleb* [xlip]. A escrita ortográfica das palavras polonesas foi consultada em Dlugosz (2009) e entre colchetes encontra-se a transcrição fonética da palavra como pronunciada pelo informante. No português este contexto silábico é bastante restrito e realizam-se produtivamente apenas as sequências de obstruintes mais laterais e obstruintes mais rótico fraco; como, por exemplo, a realização de “placa” [‘plaka] ou fruta [‘f#uta].

Nesta pesquisa acerca dos encontros consonantais tautossilábicos, analisamos dados de fala de oito informantes descendentes de poloneses: quatro masculinos e quatro femininos, divididos em duas faixas etárias, de 20 até 40 anos e mais de 60 anos, e nas faixas de escolaridade de ensino fundamental e ensino médio. Todos eram bilíngues, português e polonês, e apenas um não tinha o polonês como primeira língua. Os informantes eram moradores da localidade de Colônia Duas, pertencente ao distrito de Rio Claro do Sul, na cidade de Mallet, que foi o núcleo de imigrantes poloneses mais numeroso do Paraná segundo Gluchowski (2005). O bilinguismo é comum entre os malletenses e a cultura polonesa é ativa na cidade. Os descendentes mantiveram a cultura polonesa que se concretiza no uso da língua polonesa nas relações familiares e nos ritos religiosos. Em Rio Claro, as missas ainda são rezadas em polonês com os hinos litúrgicos também cantados em polonês pelos fiéis, devotos de *Matka Boska Czestochowska* (Nossa Senhora do Monte Claro). A prática da língua polonesa apresenta-se até em registros escritos cotidianos, como podemos visualizar nas Figuras 1 e 2.



Figura 1

Imagem de Nossa Senhora do Monte Claro com escrita em português e polonês

Costa, Gielinski (2014).

A coleta dos dados foi realizada por meio de gravador digital com microfone unidirecional acoplado, maiores detalhes acerca da metodologia e da amostra, como outras características do polonês falado em Mallet, podem ser consultados em Costa e Gielinski (2014). Os resultados da análise acústica dos encontros consonantais revelaram a predominância da não realização de sons vocálicos nos encontros consonantais inexistentes no português brasileiro e presentes no polonês falado em Mallet como, por exemplo, na palavra stó# [stu#]. Na amostra não houve realização de vogal ou elemento vocálico nos grupos de oclusivas ou fricativas (como pode ser observado na figura 3), encontramos apenas a realização de elemento vocálico nos grupos de nasais mais laterais ou fricativas mais laterais o que pode ser justificado pela presença de estrutura formântica nestes sons. Essas realizações, de sons intermediários nos encontros tautossilábicos do polonês, ocorreram na fala dos informantes com maior escolaridade o que pode indicar uma influência do português no polonês falado em Mallet. Já os falantes com maior faixa etária são os que mais preservam o sistema polonês, sem produzir sons vocálicos entre os encontros consonantais analisados.



Figura 2

Túmulo localizado no cemitério de Rio Claro em Mallet
Costa, Gielinski (2014).

Na figura 3, podemos observar um espectrograma, ilustração das ondas acústicas gerada pelo programa computacional PRAAT, que mostra a não realização de som ou elemento vocálico entre o som fricativo e um som oclusivo. Esta é uma pronúncia típica do sistema sonoro da língua polonesa, mas estranha ao sistema do português que não permite sequências consonantais deste tipo.

Outro detalhe fonético do polonês falado em Mallet analisado em nossas pesquisas é o ponto de articulação dos sons oclusivos [t, d]. Descrições fonéticas da língua polonesa, conforme Gussmann (2007), apresentam diferenças de ponto de articulação dos sons consonantais [t d] em relação a produção destes sons na língua portuguesa, articulados como alveolares. Realizamos uma pesquisa (Costa, 2016) na qual analisamos o ponto de articulação destes sons oclusivos produzidos no polonês falado em Mallet, Paraná, através dos detalhes fonéticos de locus do segundo formante vocálico e do espectro da explosão de soltura da oclusiva.

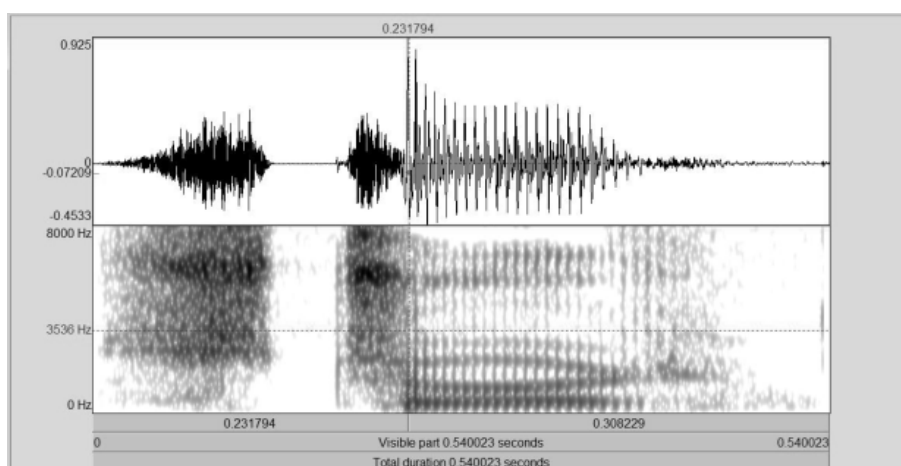


Figura 3.

Realização de [stu#] sem elemento vocálico entre a fricativa inicial e a oclusiva alveolar
Costa, Gielinski (2014).

Para esta análise, coletamos dados de três informantes femininas moradoras da localidade rural de Colônia Duas, na cidade de Mallet. As três têm o polonês como primeira língua e aprenderam o português ao entrarem na escola e estão na faixa etária de vinte a trinta anos. Os dados foram gravados em cabine acústica e pertencem ao Banco de Dados do laboratório de Fonética do NEES. Para esta amostra, foi apresentada uma lista de palavras em português as quais as informantes deveriam pronunciar em polonês na seguinte frase-veículo *Słyszałam... Pr#dko*. Gravaram-se quatro repetições da lista para cada informante. As palavras escolhidas possuíam os sons oclusivos no polonês no ataque silábico como, por exemplo, as palavras *motyl* e *szpital*. Maiores informações acerca da amostra e da metodologia da pesquisa podem ser consultadas em Costa (2016).

Para analisar o ponto de articulação dos sons oclusivos no polonês falado em Mallet, nos embasamos teoricamente na Teoria Acústica da Fala conforme Fant (1960) que tenta explicitar as relações acústico-articulatórias dos sons da fala. As diferentes manobras articulatórias para a produção dos sons da fala produzem diferentes configurações acústicas, estabelecendo relações entre os detalhes fonéticos da produção e de configuração acústica possíveis de observação por meio da análise acústica.

Os sons oclusivos são produzidos com uma manobra articulatória que gera obstrução total à passagem do ar no trato oral e essa articulação gera vários eventos acústicos. Primeiramente a interrupção da passagem do ar gera uma ausência de energia acústica no espectrograma; em seguida a soltura dos articuladores gera um transiente, que é um breve pulso de energia. Essa articulação manifesta-se acusticamente pela ausência de energia acústica no espectrograma e pela explosão de soltura dos articuladores após a obstrução. Podemos inferir o ponto de articulação dos sons oclusivos por estas pistas acústicas, mas levando em consideração que as características acústicas e perceptuais dos sons consonantais são complexas e dependem do contexto em que são produzidas (Kent, Read, 1992).

Duas pistas acústicas, o locus do F2 e a análise espectral do burst ou explosão no momento da soltura dos articuladores, verificando a concentração da faixa de frequência; foram examinadas na referida pesquisa, maiores detalhes acerca das pistas acústicas das oclusivas e da metodologia da pesquisa podem ser encontradas em Costa (2016). Os resultados da análise das pistas acústicas de locus do F2 e da análise espectral da soltura dos articuladores demonstraram que uma possível anteriorização do ponto de articulação das oclusivas produzidas no polonês falado em Mallet em relação ao ponto alveolar produzido na língua portuguesa. Essas observações precisam ser aprofundadas com a análise de outras pistas acústicas. Na próxima seção, apresentaremos as pesquisas variacionistas realizadas no NEES.

O Banco de Dados Variação Linguística de Fala Eslava – VARLINFE

Para investigarmos as características do português falado pelos descendentes de imigrantes eslavos, poloneses e ucranianos, que vivem nas cidades da região de abrangência da Unicentro, campus de Irati, foi constituído o banco de dados Variação Linguística de Fala Eslava – VARLINFE. Este bando de dados está vinculado ao Programa Permanente de Extensão Núcleo de Estudos Eslavos – NEES e embasado metodologicamente na Sociolinguística Quantitativa Laboviana (Labov, 1991, 1994).

A constituição do banco iniciou-se em 2013 e atualmente conta com dados de fala de informantes sociolinguísticos representativamente de sete amostras: Cruz Machado, Irati, Ivaí, Mallet, Rebouças, Rio Azul e Prudentópolis. Estas cidades estão todas localizadas no entorno da Unicentro e são marcadas pela colonização eslava. Maiores informações acerca das cidades e sua colonização podem ser consultadas em Loregian-Penkal, Costa, Lemke e Jacumasso (2013). O banco tem como peculiaridades, que o diferenciam de outros bancos de fala brasileiros, ser de fala de zona rural, com economia agrária e baixa escolaridade, e de etnia eslava. As entrevistas sociolinguísticas têm aproximadamente quarenta minutos de duração e foram registradas em gravador digital na casa dos informantes. O objetivo é colher a fala o mais natural possível, o chamado vernáculo, e as entrevistas versam acerca de assuntos do cotidiano dos informantes como a agricultura, os costumes eslavos e a história da comunidade.

Cada amostra conta com 24 entrevistas, 12 informantes homens e 12 informantes mulheres, divididos em duas faixas etárias, de 20 a 50 anos de idade e mais de 50 anos de idade, e em três faixas de escolaridade: até quatro anos de estudo, o chamado primário, de cinco a oito anos de estudo, o chamado ginásial, e mais de oito anos de estudo, o chamado colegial. (esta nomenclatura não é atual no Brasil, apesar de ainda ser usada na fala corrente, o atual seria: até quatro anos de estudo, o chamado Ensino Fundamental I, de cinco a oito anos de estudo, o chamado Ensino Fundamental II, e mais de oito anos de estudo, o chamado Ensino Médio. Os critérios para a seleção dos informantes foram: ser descendente de eslavos (ser descendente de polonês ou ucraniano, de pai ou de mãe ou de ambos), não ter viajado ou morado em outras localidades e morar na zona rural do município da amostra.

As cidades que formam o banco VARLINFE têm perfis diferentes quanto à cultura e ao uso das línguas eslavas conforme Costa e Loregian-Penkal (2015). Nas cidades de Cruz Machado, Ivaí, Mallet e Prudentópolis encontramos muitos falantes bilíngues, que falam o português brasileiro e uma língua eslava, e até trilingües, que falam o português brasileiro, o polonês e o ucraniano. Já nas cidades de Irati, Rio Azul e Rebouças a cultura eslava encontra-se presente na arquitetura, no artesanato, na culinária, mas o uso linguístico restringe-se a situações mais específicas como missas, ainda que também presente. Percebemos também que a mãe tem um papel central na aquisição da língua eslava, pois

é a língua da mãe que o descendente aprende no caso de etnias mescladas. Por exemplo, se a mãe é polonesa e o pai de outra etnia, brasileiro ou ucraniano, os filhos aprendem o polonês. A religião também tem um papel fundamental na manutenção do uso das línguas eslavas no interior do Paraná, pois no interior a vida social gira em torno dos rituais e práticas religiosas.

Além de oportunizar pesquisas linguísticas descritivas acerca do português brasileiro falado no Paraná e das possíveis contribuições das línguas eslavas para sua constituição, as entrevistas do VARLINFE são um testemunho da vida e das lembranças destes descendentes. Ao detalhar a história das localidades, os costumes passados de pai para filho, os rituais religiosos, as canções e orações aprendidas com os avós, os descendentes vão tecendo muitas informações acerca da eslavidade presente em suas vidas. Os informantes mais idosos geralmente gostam de lembrar o passado e as histórias da imigração que seus avós ou pais contavam e também são os que mais se emocionam nas entrevistas.

Um fenômeno linguístico variável do português brasileiro em análise nas amostras do VARLINFE é a elevação da vogal átona final média anterior como, por exemplo, a realização de “lote” [l#te] como [l#ti]. Chama-se elevação vocálica porque a vogal passa de “e” para “i”, subindo um grau de altura vocálica. É um fenômeno variável antigo e bastante produtivo no português brasileiro, mas a fala paranaense se diferencia do resto do Brasil pela pouca incidência de realização do fenômeno. Análises variacionistas realizadas com amostras das cidades de Mallet, Irati e Prudentópolis apontam a etnia como um fator favorecedor à não aplicação da regra de elevação vocálica.

Em Costa e Loregian-Penkal (2016), analisou-se o fenômeno variável de elevação vocálica na fala de informantes da cidade de Mallet. Os resultados mostraram um percentual baixo de aplicação da regra, 15%, confirmando a baixa aplicação da regra. Os principais fatores selecionados como envolvidos na realização da elevação vocálica na amostra de Mallet foram o tipo de consoante em contexto precedente, sendo o som oclusivo como o menos favorecedor, a etnia e a escolaridade. Outras pesquisas em andamento com as amostras do VARLINFE, indicam que a etnia tem um papel central na não realização da elevação entre os paranaenses. Há muitos trabalhos sendo desenvolvidos, tanto nas pesquisas docentes, quanto em orientações de graduação e pós-graduação que poderão contribuir para o conhecimento da contribuição das línguas eslavas, entre elas o polonês, para o português brasileiro falado no Paraná.

Conclusões e perspectivas

Ao descrever os falares poloneses no Paraná, precisamos ter em mente que provavelmente há uma diferença entre o polonês falado na capital, Curitiba, e o polonês falado nas comunidades agrícolas do interior pelos descendentes eslavos. As línguas eslavas do interior são mais preservadas e características dos colonos eslavos, ou seja, constituem um sistema linguístico próprio. É preciso destacar que as línguas eslavas faladas no

Paraná, são aqueles sistemas linguísticos trazidos para o Brasil há mais de cem anos pelos imigrantes e não o polonês e ucraniano falados atualmente na Polônia e na Ucrânia. Ainda que haja muitas semelhanças, a ponto de os falantes brasileiros conseguirem comunicar-se com os europeus, há também divergências de ordens lexicais e sonoras. Desde o clássico texto de Mackey (1972) sabemos que uma das implicações do bilinguismo pode ser a interferência de um sistema linguístico em outro propiciada pelo contato linguístico. Descrições já efetuadas do polonês falado em Mallet (Costa, Gielinski, 2014), apresentadas neste texto, demonstram as características particulares da língua eslava como sistema linguístico diferenciado para esses falantes.

Há muito a se pesquisar e descrever acerca das línguas de imigração faladas no Brasil e principalmente acerca das línguas eslavas, polonês e ucraniano, faladas no Paraná. As pesquisas linguísticas desenvolvidas no NEES, como outras em curso, e relatadas aqui neste texto contribuem para este trabalho descritivo que busca documentar e registrar a importância das línguas eslavas, entre elas o polonês, para o povo brasileiro.

Referências

- Boersna, P., Weenik, D. (2013). PRAAT Doing Phonetics by Computer. Amsterdam: University of Amsterdam.
- Costa, L.T. (2016). Os sons oclusivos no polonês falado em Mallet, PR. Revista (Con) Textos Linguísticos, 10 (16), 52-66.
- Costa, L.T., Loregian-Penkal, L. (2016). O fenômeno de não-elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de eslavos de Mallet, Paraná, Brasil. Revista de Letras Norte@mentos, 9 (20), 85-99.
- Costa, L.T., Gielinski, M. (2014). Detalhes fonéticos do Polonês falado em Mallet. Revista (Con) Textos Linguísticos, 8 (10), 159-174.
- Costa, L.T., Loregian-Penkal, L. (2015). A coleta de dados do banco VARLINFE –variação linguística de fala eslava: peculiaridades e características. Revista Conexão UEPG, 11 (1), 100-110.
- Dlugosz, C. (2009). Dicionário de polaco-português/português-polaco. Porto: Editora Porto.
- Fant, G. (1960). Acoustic Theory of Speech Production. The Hague: Mouton.
- Gluchowski, K. (2005). Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores.
- Kent, R.D., Read, C. (1992). The Acoustic Analysis of Speech. San Diego: Singular Publishing Group.
- Loregian-Penkal, L., Costa, L., Lemke, C.E., Jacumasso, T. (2013). Banco de dados Variação Linguística de Fala Eslava VARLINFE. In: J.A. Campigoto, R. Chicoski (orgs.), Brasil-Ucrânia: linguagem, cultura e identidade. Jundiaí: Paco Editorial, 25-43.
- Wachowicz, R.C. (2002). As escolas da colonização polonesa no Brasil. Curitiba: Champagnat.

Autor notes

- [1] Luciane Trennephol da Costa, Professora Adjunta na Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Cidade Irati (Paraná) Brasil. E-mail: luciane.tcosta@yahoo.com.br.